Mário Botas (1952-1983)

O Banqueiro Anarquista

1982

Aguarela e tinta-da-china sobre papel

Obra doada por Dr. Pedro Madureira
à Casa Fernando Pessoa em 2012.

A obra foi comprada ao artista, pelo doador,
em 1982, na sequência de exposição realizada
em Bruxelas, na *Bibliothèque des Sciences Humaines*,
nesse mesmo ano.

“Desenhar sobre uma obra literária é para mim no essencial como fazer um auto-retrato sem espelho”

Documentário, *Eu, Mário Botas*,
Arquivos RTP, 1989

Ecos do Acervo

Mário Botas

O Banqueiro Anarquista

7 JUL a 18 OUT

Casa Fernando Pessoa
MUSEU DE LITERATURA

LISBOA CULTURA

Risco ao Meio

Susana Pomba
Aroeira, junho de 2026

Esta obra engana. Se achávamos que íamos ver a figura do banqueiro anarquista, a fumar "como quem não pensa"[1], estamos longe disso. Pessoa pouco o descreve. Numa das versões do texto (a de 1935), imaginando o banqueiro jovem, o narrador usa palavras como largo, forte, sobrancelhas espessas, e "amplitude inesperada da fronte"[2]. De resto, o que sabemos do banqueiro para além da enorme e elaborada justificação que dá em discurso direto para o paradoxo da sua existência, é que puxava fumo, fazia explodir fósforos, e os muitos charutos eram acesos de forma lenta, dando pausas no quase monólogo.

Apesar de infundido pelo texto de Pessoa, o desenho que aqui vemos é a trama de outro autor chamado Mário Botas (Nazaré, 1952–Lisboa, 1983), um artista com uma carreira curta mas que, segundo tantas figuras de renome, deixou marca no panorama das artes portuguesas da segunda metade do século XX. Agustina Bessa-Luís caracterizava o seu desenho como "figurativo onírico", Eduardo Lourenço escreveu que a sua "pintura-escrita" era sempre "figuração do infigurável", e o amigo John Cage tecia-lhe elogios numa carta pessoal, datada de 1981:

és o mais háBil
dOs guias
indo desTa
terrA
para aS dos outros[3]

A literatura e a música foram, arrisco, quase sempre as forças motivadoras dos seus desenhos e pinturas, uma relação ampla de vai-e-vem, entre compreensão, afastamento e desentendimento; a par da construção de mundos paralelos. Nos anos 1970, no contexto português, era importante marcar esta outra maneira de interagir entre modos artísticos. Botas falava assim dos livros que escolhia trabalhar: "absorver o clima da obra por vezes sem a ler completamente para deixar mais indefinível e mais abordável a fronteira entre o meu mundo e esse outro mundo de palavras"[4]. Nos nossos dias, já não é necessária esta distinção, existe uma extensa e diversa proliferação e comunicação entre suportes artísticos e suas interpretações.

Este banqueiro, que figura na capa da edição da Relógio d'Água (ainda passível de ser adquirida), é um tipo, como se esperava, encasacado, de fato e colete (e laço *dandy*), mas oblíquo – que parece se suster a custo com a ajuda do seu guarda-chuva e da cadeira de tampo aveludado. Existe um desequilíbrio na figura talvez porque esta carregue as suas contradições, o jornal debaixo do braço, a mão no bolso (do dinheiro?), a casa (as posses?), as tirinhas verde e vermelha (bandeira nacional?), e claro, o antropomorfismo (algo recorrente na sua obra), aquela espécie de cavalo que nasce por entre as suas pernas, rompendo pelo tecido das calças. Quase que podíamos ouvir o ranger dos dentinhos deste banqueiro careca, de olhos trocados e cara corada.

Como muitas figuras de Botas, o banqueiro é ao mesmo tempo também o artista[5] e o próprio Pessoa. Múltiplos. Existe um retrato de Botas tirado por José Manuel Costa Alves, em que vemos o autor com o bigode, barba e os óculos pequenos e redondos. Alguns desses elementos são símbolos da figura pessoana. Nessas imagens, que compõem o retrato, vemos o artista a desenhar um traço a tinta na sua própria face, a dividi-la em dois, de alto a baixo. Um pouco como o seu banqueiro, cuja linha-nariz faz um risco ao meio, separando a face, e cujos olhos são definidos pelos óculos, pequenos e redondos.

Pessoa foi um dos grandes temas da obra de Botas, que o desenhou tantas vezes, até com o Camões às costas (num desenho circa 1980). Botas quis fazer de Pessoa no filme de João Botelho, "Conversa Acabada" (1981), segundo o relato da sua amiga e Pessoana Teresa Rita Lopes, "e muito sentido ficou por não ser possível"[6].

Poderíamos nomear a sua obra de surrealismo tardio – é clara a influência aquando da sua chegada a Lisboa, vindo da Nazaré, dos surrealistas nacionais Cruzeiro Seixas ou Mário Cesariny, e do que podemos chamar de fantástico. Mas apesar de os ter estudado de forma profunda, "querer ressuscitar nos anos 70 um surrealismo em terceiras núpcias é acenar a bandeira da conquista nas ruínas do castelo."[7] Um dos seus trabalhos mais conhecidos, talvez por ser uma série redonda e completa, e que foi apresentada de forma póstuma na Fundação Calouste Gulbenkian (em Lisboa e Paris) em 1989, é "Le Spleen de Moi Même", que descrevia como sendo ecos do "Spleen de Paris" de Charles Baudelaire.

O escritor Almeida Faria, amigo de Mário Botas, que muitas vezes escreveu sobre ele, num texto já depois da sua morte fala também de uma linha que dividiu a vida de Botas em dois. Existiu um antes e depois, em 1977, ano em que a trabalhar no Hospital de Santa Maria (Botas tirou Medicina), decide fazer a si próprio uma análise de sangue porque andava a sentir-se mal. Assim percebeu que sofria de leucemia, e a partir daí escolheu pintar, sem tempo a perder. Uma linha de vida interrompida, e dividida em dois pela perspetiva da morte adiantada. E podemos casar esta linha com o risco ao meio que o próprio desenhou na sua pele, e na cara deste banqueiro anarquista. E o que sabemos nós, no mundo contemporâneo, impregnado de capitalismo tardio, destes "banqueiros", homens do dinheiro que se consideram maiores que tudo, pela acumulação? Ler o "conto intelectual" de Pessoa é hoje tão necessário como fazê-lo em 1922, aquando da sua primeira publicação.

1 Pessoa, Fernando. *O Banqueiro Anarquista*. Edição de Teresa Sobral Cunha, Clássicos, Relógio d'Água, Lisboa, 1997, p.5

2 Ibidem, p.61

3 *Botas, Mário*, 1952-1983. Lisboa, Galeria Ana Isabel, 1981. Tradução de Mário Botas

4 Entrevista ao Jornal de Letras em agosto de 1983

5 "Desenhar sobre uma obra literária é para mim no essencial como fazer um auto-retrato sem espelho". Documentário, *Eu, Mário Botas*, Arquivos RTP, 1989

6 Lopes, Teresa Rita. "Pessoa, Mário e o 'recado dos símbolos'" in *Fernando Pessoa. O Impossível-Possível Retrato*, Casa de Serralves, 1988, p.14

7 *O Pintor e o Mito*. Edições João Sá da Costa/Fundação Mário Botas, Lisboa, 2002, p.4